

**Universidade de Coimbra**  
**Faculdade de Economia**

# **DA IDENTIDADE À GLOBALIZAÇÃO**

## **O ARTESANATO DE VIDRO DA MARINHA GRANDE**

**Ana Cristina Fernandes Simões**  
Dissertação orientada pelo  
**Professor Doutor João Arriscado Nunes,**  
para obtenção do grau de Mestre em Sociologia

Apoio da Fundação Para a Ciência e a Tecnologia  
Programa Praxis XXI - BM/6592/95

**1999**

**INDICE**

	<b>Pag.</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>PARTE I</b>	
<b>ARTESANATO: - CONCEPTUALIZAÇÃO E TEORIZAÇÃO -</b>	
<b>CAPÍTULO 1- ARTESANATO - SUA DEFINIÇÃO E PROBLEMÁTICAS</b>	
1.1 O Artesanato como Cultura	15
1.2 Artesanato: Problemáticas actuais	21
1.3 O Artesanato e o desenvolvimento local	23
1.4 A Herança da Tradição	26
1.5 O Turismo como estratégia conjunta	29
1.6 A Certificação da Tradicionalidade	31
1.7 As Micro-empresas e a importância do Associativismo	32
1.8 Artesanato de Vidro - Globalizar o Localismo: Que mediações ?	36
<b>PARTE II</b>	
<b>O ARTESANATO DE VIDRO DA MARINHA GRANDE</b>	
<b>CAPÍTULO 2- CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO DA INVESTIGAÇÃO</b>	
2.1 Caracterização geral do concelho	44
2.2 Estrangulamentos e Potencialidades de desenvolvimento	47
2.3 A importância do Artesanato de vidro para a Marinha Grande	50
<b>CAPÍTULO 3- A MARINHA GRANDE E O VIDRO – 250 ANOS DE HISTÓRIA</b>	
3.1 Origem do vidro	53
3.2 A Marinha Grande e o Vidro	55
3.3 A Conjuntura actual	61
3.4 O Vidro na Marinha Grande: símbolo e identidade	69
3.5 As Técnicas no Fabrico de Vidro	70
3.6 Os artesãos vidreiros	72
3.7 Da identidade à Globalização	74

**CAPÍTULO 4 - INICIATIVAS LOCAIS NA PROMOÇÃO DO ARTESANATO DE VIDRO**

4.1 O Mercado Global e a Região do Vidro da Marinha Grande	79
4.2 Comemorações dos 250 Anos da Indústria Vidreira na Marinha Grande	84
4.3 Projecto Intervidro	103

**CAPÍTULO 5- ESTUDO DE CASO: PROJECTO INTERVIDRO**

5.1 A ADE.SER	106
5.2 Projecto Intervidro - Apresentação Global	106
5.3 Procedimentos de Pesquisa - Metodologia utilizada	111
5.4 O conceito de artesanão	114
5.5 Actividades e resultados	119
5.6 Inovação, Renovação, Transformação	126
5.7 Promoção Nacional e Internacional	131
5.8 Intervidro 1995/1998 : Em jeito de balanço	135
5.9 Importância para o concelho e perspectivas futuras...	138

**CONCLUSÃO** 139**BIBLIOGRAFIA** 148**ANEXOS - Vol II**

Anexo 1 - Caracterização dos Artesãos do Projecto Intervidro

Anexo 2 - Entrevistas

## CONCLUSÃO

A era da industrialização, com o rápido desenvolvimento de técnicas, a intensificação da produção e o aumento do consumo, subverteu de certo modo a “indústria artesanal”. Esta veio a ser redefinida a partir do conceito de “micro-empresas”, pequenas unidades que não raras vezes completam a actividade industrial em unidades de maior dimensão, quer na execução de produções específicas, quer no sistema de trabalho de subcontratação.

A abordagem do sector artesanal, no âmbito deste trabalho, incidiu sobre a actividade de transformar a matéria-prima em objectos, com intervenção dos artífices em quase todo o processo de produção, a partir do seu saber, de técnicas tradicionais ou ainda pela inovação que acrescentam, para criar ou recriar objectos, para serem utilizados para determinado fim ou apenas como decoração. A actividade inscreve no objecto um “cunho pessoal”, a imaginação e criatividade do artesão. O predomínio do trabalho manual e a ausência da produção em série é também uma característica definidora do artesanato, tal como aqui foi entendido.

Assistimos a uma crise neste sector ao mesmo tempo que aparece um surto de interesse pelas actividades artesanais. Tal interesse, no entanto, nem sempre se concentrou em actividades que levem à subsistência do artesanato e a benefícios económicos para os seus produtores, à possibilidade do artesão ver o seu valor reconhecido e dele poder viver sem ter que “mendigar” ou viver de apoios e subsídios. Dada a situação actual de crise no sector, são os próprios pais que aspiram conseguir para os filhos outra profissão.

Para que a mudança se verifique, importa que a relação entre os jovens e a arte tradicional seja acompanhada de uma consciencialização do significado histórico e social local e de uma aprendizagem empírica do processo produtivo. É importante a conexão entre as capacidades locais e a cultura local. O papel das Associações

locais revela-se de extrema importância para a sobrevivência do artesanato, para a melhoria da qualidade dos produtos, sua comercialização, promoção...

O Projecto Intervidro foi importante para a promoção do artesanato de vidro no país e no estrangeiro. Através de algumas acções mediáticas procurou promover o localismo "vidro de fabrico manual da Marinha Grande" enquanto artesanato local, tradicional e inovador.

Os grandes desafios da mudança passam pela capacidade de utilizar as novas tecnologias como verdadeiros instrumentos de gestão, bem dimensionados e adequadas às mudanças que se pretende gerir. O desenvolvimento e aproveitamento do potencial técnico e tecnológico é compatível com a modernidade, desde que encontre a integração na criatividade do universo local. Tradição e modernidade não devem ser vistos como opostos, mas como aspectos complementares e em tensão produtiva. As actividades de carácter artesanal podem coexistir com as indústrias e com os modos de vida da sociedade moderna.

Acima de tudo, há uma viagem cultural a fazer, uma viagem transformadora, tentar "refuncionalizar" sem destruir o cunho pessoal que o artesão inscreve na sua obra. Mas claro, há que renovar, pois preservar não é de modo algum fixar e muito menos estagnar. Quando se afirma que é necessário preservar, valorizar a tradição, não devemos pensar que tal significa deixar tudo como está. Pelo contrário, a par com a identidade deve estar a criatividade e a inovação na criação de coisas novas que satisfaçam as novas necessidades. É estreito o espaço de manobra e o tempo disponível entre a arte tradicional e o campo da concorrência. Há que ter em atenção a possibilidade de perda do carácter artesanal no processo da globalização face à concorrência com produtos similares. É grande o perigo da actividade artesanal perder as suas características próprias, expressas no cunho pessoal do artista e na sua criatividade, nos seus valores e visão do mundo e na sua identidade local. Esse é o perigo de uma "refuncionalização" dos objectos, de modo a fazer face à concorrência e ao consumo, convertendo o objecto de artesanato numa

mercadoria como qualquer outra e diluindo a sua qualidade e especificidade. Tendo em conta a grande procura, por parte dos mercados internacionais, dos produtos específicos de cada país/região, é necessário criar as condições indispensáveis ao encontro entre a oferta e a procura.

O artesanato moderno/urbano não é incompatível com o artesanato tradicional, antes o complementa. A par da recuperação das técnicas tradicionais, deve promover-se a adequação dos produtos aos mercados. A refuncionalização dos objectos deve ser também uma aposta da formação profissional, fazendo-se a transição do artesanato tradicional para o moderno. Transformar um artesão habituado a trabalhar por contra de outrém num "gestor" com conhecimentos de design moderno, marketing e contabilidade/gestão, é um processo que necessita de tempo e apoio.

Verificámos, ao longo deste estudo, que há conhecimentos indispensáveis à viabilização desta actividade, nomeadamente em domínios como a gestão, a contabilidade, a informação, divulgação, estratégia de vendas, comercialização... que terão que completar a prática profissional que está na maior parte das vezes condicionada pela formação e idade dos artesãos. A melhoria das condições de trabalho, a introdução de equipamentos acessórios sem descaracterizar os produtos e acrescentando-lhes mais valia face à impessoalidade dos objectos industriais terão de estar no horizonte dos agentes da mudança.

Quando falamos de globalização e de internacionalização, pressupomos, sempre a necessidade de inovar, pois essa é uma condição *sine qua non* do processo. Numa altura em que Portugal investe muito na internacionalização, há que pensar em factores que possam solidificar esses investimentos, possam criar alicerces para a nossa posição no mercado global. A internacionalização tem de ter uma base de sustentação para sobreviver, tem que criar produtos inovadores, usar tecnologias inovadoras, criar factores de diferenciação que dêem aos produtos uma vantagem competitiva relativamente aos seus concorrentes internacionais.

A internacionalização das empresas nacionais não deve ser uma moda seguidista, mas uma cultura que se sustenta no apetrechamento dos recursos humanos e na capacidade de comunicação e de interação com o exterior. O País não deve copiar os modelos em fim de vida dos países mais desenvolvidos, mas aprender a antecipar as transformações através da análise das necessidades dos clientes e das transformações da sociedade. O futuro depende da capacidade de inovar e de ser diferente apostando em produtos finais de qualidade. É fundamental antecipar a evolução tecnológica dos produtos e das formas de organização das empresas e transformar os atrasos e constrangimentos em oportunidades e sucesso.

A afirmação de Portugal passa pelo reforço do seu prestígio e das suas especificidades, logo, é vital exigir o respeito pela diversidade e pluralidade de culturas, como condição para o diálogo da globalização. Uma comunidade que sabe recuperar a riqueza cultural do seu artesanato e conferir-lhe autenticidade está a potenciar os recursos ligados à afirmação de uma identidade local que permite ter em conta o indivíduo, o meio e o futuro.

Para além disso, é importante reconhecer as especificidades de cada mercado, a adaptação de cada produto a essa especificidade, os recursos existentes e a procura potencial. Os mercados são cada vez mais exigentes em qualidade, criatividade, design e também em prazos de entrega e eficiência do serviço... logo, é imprescindível implantar no mercado produtos integrados num conceito e numa imagem, de modo a estimular o cliente.

Colocar Portugal no mercado global passa por um sector produtivo moderno, por produtos desejáveis no mercado, por uma logística com qualidade, pela aposta no design, diferenciação, formação, tecnologia... seja nas grandes, médias ou pequenas empresas, e até o artesão individual.

Ao longo deste trabalho, procurámos sublinhar a centralidade do artesanato vidreiro como pedra angular do património marinhense. Predominantemente constituído por pequenas unidades individuais ou unidades de tipo familiar de

reduzida dimensão, por artesãos cuja intervenção no processo produtivo exige um perfeito domínio das técnicas, da matéria-prima, habilidade e sensibilidade, o artesanato em vidro continua a apresentar-se como um sector com potencialidades que importa revalorizar e apoiar.

O artesanato vidreiro ocupa um espaço próprio como contraponto à dinâmica homogeneizada da indústria, mas o seu futuro só estará assegurado quando se alicerçar num modelo que compatibilize a preservação das suas raízes culturais com o reforço das condições de trabalho dos artesãos, com o fomento do associativismo, com a melhoria dos sistemas de comercialização... de modo a poder reinventar-se e adequar-se a novos desenvolvimentos.

O caminho para essa reinvenção parece exigir para as micro-empresas de artesanato vidreiro um acesso fácil e rápido ao mundo através da comunicação, e uma exploração das tecnologias da informação.

Por sua vez, os jovens poderão ser continuadores do artesanato marinhense se lhes forem proporcionadas as condições necessárias para atingir esse objectivo, ou seja, manter a genuinidade, a originalidade e acima de tudo a qualidade e a competitividade nesta actividade.

As dificuldades porque passaram os vidreiros ao longo da história marinhense fizeram com que o exercício da actividade fosse assumido pelos artesãos como uma fatalidade, na medida em que o seu estatuto social outrora elevado nem sempre é dignificado, facto que tem desmotivado muitos jovens de ingressar na actividade. A requalificação e a formação aparecem como factores imprescindíveis para o ressurgimento da actividade, para a redescoberta do seu valor cultural, em consequência da própria evolução da sociedade. São medidas decisivas para o desenvolvimento do emprego e afirmação da actividade, a qual passa necessariamente pela valorização da condição de artesão.

As instituições de formação do sector, que já existem ou que estão em projecto, são fundamentais para permitir que a transmissão do saber, que durante muitas dezenas de anos se fazia no interior das fábricas por um sistema de emprego de



jovens que tinha muito de iníquo, passe agora para instituições que garantam às empresas e aos formandos resposta à procura que já se sente neste campo. Essa formação pode constituir um momento fundamental de dignificação da arte e de atracção de jovens.

O ensino nas empresas, baseado no trabalho infantil, terminou, sem que em seu lugar fosse instituído um ensino profissional. Mesmo quando existiu o curso industrial na Marinha Grande, este só resolveu os problemas da “Zona Fria”, porque para a “Zona Quente” contava-se com a ida das crianças para a fábrica.

Hoje apesar de se considerar o vidreiro um artista, o seu estatuto ainda não lhe confere suficiente dignidade. A existência de um Centro de Formação poderá ajudar o artesão vidreiro a reunir as condições para atingir o estatuto consagrado de Mestre Vidreiro. Poderão ser estes, meios para tornar atraente a atractibilidade duma profissão cujos aspectos negativos têm sido particularmente visíveis.

A formação dos vidreiros, o estatuto de Mestre Vidreiro, as novas infra-estruturas viárias, novas formas de abastecimento energético, novas tecnologias, novo design, novas formas de comercialização associadas à Marinha Grande e um trabalho continuado de diálogo e de cooperação, quer nacional, quer internacional, são hoje vistas como condições para essa redignificação e revitalização da arte do vidro.

A elevada qualidade, genuinidade e diversidade do artesanato de vidro, aliadas às magníficas características do património cultural e natural da Região, configuram fortes perspectivas de desenvolvimento económico, a par da perspectiva crescente duma procura turística, assente nos recursos culturais, patrimoniais e artesanais locais.

Para além do seu valor indiscutivelmente cultural, a promoção artesanal está intimamente ligada ao desenvolvimento local e regional. A articulação do artesanato de vidro com os interesses turísticos contribuirá para a sua divulgação e para a conseqüente expansão do consumo do artesanato de vidro da Marinha Grande. Trata-se da afirmação de um novo conceito de artesanato de vidro, inserido

numa estratégia mais ampla de promoção do local, em contraponto com visões redutoras que lhe atribuem um papel diminuto.

Em termos de divulgação, as feiras nacionais e internacionais de artesanato são uma das formas privilegiadas de mobilização dos artesãos, possibilitando o estabelecimento de contactos com um público bastante alargado e diferenciado, promovendo a venda directa, a avaliação dos gostos do mercado, a promoção, a divulgação, muitas vezes através da execução de peças ao vivo, contribuindo para a valorização dos objectos de arte e para a dignificação dos artesãos. É através de feiras que o artesão pode verificar se o produto que produz e pretende comercializar está adequado ao mercado, e que ele pode ter a noção da concorrência, analisando os preços praticados, as técnicas utilizadas, verificando o que se tem feito no mercado em que participa como produtor especializado.

A construção de um centro de aprendizagem de vidro, nomeadamente de manipulação de vidro, na “Zona Quente”, a par com o funcionamento de novas formas de comercializar com novas filosofias de mercado diversificado, novos conceitos de preço, novo design e a oficialização da marca “Marinha Grande” no âmbito da instituição da Região do Vidro, poderão e deverão introduzir novas perspectivas para o desenvolvimento da indústria vidreira e da Marinha Grande, na região e no mundo.

O concelho da Marinha Grande apresenta historicamente um dinamismo produtivo considerável, gerador de novas iniciativas industriais. Os saberes produtivos de que os vidreiros são detentores, a par com tecnologias modernas e sofisticadas, levam a que as intervenções da actualidade olhem com cuidado para as particularidades deste espaço local e aí vejam indícios da posição que Portugal poderá alcançar no mercado global dos produtos do vidro.

Inovar, desenvolver, utilizando novas tecnologias, só é possível em regiões onde já exista uma forte cultura industrial, mas também recursos humanos motivados.

É para o desenvolvimento deste segundo vector e para a sua promoção em articulação com o primeiro que parecem apontar as intenções estratégicas e as iniciativas dos actores individuais e colectivos envolvidos na indústria e no artesanato de vidro, de modo a preparar o local para os desafios do desenvolvimento global.

## BIBLIOGRAFIA

### Livros:

- AGRIA, Fernanda Paulo, 1966 - *Em Defesa do Artesanato*, IV Colóquio Nacional do Trabalho, Luanda, Organização Corporativa e Segurança Social;
- AMARO, Rogério Roque et al, 1992 – *Iniciativas de Desenvolvimento Local – caracterização de alguns exemplos*, relatório ISCTE/IEFP
- - AMARO, Rogério Roque et al, 1997 – *Serviços de Proximidade em Portugal*, Ministério para a Qualificação e o Emprego, DGEFP e CIME, Coleção Cadernos de Emprego;
- Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial, 1989 – *A Indústria do vidro na Perspectiva da Arqueologia Industrial*, Marinha Grande, APAI;
- Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial, 1989 – *O Vidro em Portugal*, Marinha Grande, APAI;
- BARDIN, Laurance, 1991- *Análise de conteúdo*, Lisboa, Edições 70;
- BAROSA, Joaquim, 1977 - *Memórias da Marinha Grande*, 2ª ed., Marinha Grande, Jornal da Marinha Grande;
- BARROS, Carlos Vitorino da Silva, 1969 - *Real Fábrica de Vidros da Marinha Grande – II Centenário*, Lisboa, Feis;

- BAUDRILLARD, Jean, s/d.- *A Sociedade de Consumo*, Lisboa, Edições 70;
- BHABHA, Homi K., 1994 - *The Location of Culture*, Londres, Routledge;
- BRYMAN, Alan; CRAMER, Duncan, 1992 – *Análise de Dados em Ciências Sociais*, Oeiras, Celta Editora;
- BRONOWSKI, Jacob, s/d – *Arte e Conhecimento*, Lisboa, Edições Arte e Comunicação- edições 70, policopiado;
- COUSINS, Mark, 1995 – *Glass Twentieth Century*, London, Grange Books
- CREEDY, Jean, 1975- *O contexto social da Arte*, Rio de Janeiro, Zahar Editores;
- DUARTE, Acácio Calazans, 1937 – *Os Stephens na Indústria Vidreira Nacional*, Marinha Grande, Edição da Nacional Fábrica de Vidros;
- DUARTE, Acácio Calazans, 1942 – *A Indústria Vidreira na Marinha Grande*, Marinha Grande, Edição da Nacional Fábrica de Vidros;
- DUFRENNE, Mikel, 1982 - *A Estética e as Ciências da Arte*, vol I, Amadora, Coleção Ciências Sociais e Humanas, Livraria Bertrand;
- ECO, Umberto, 1981 - *A Definição de Arte*, Lisboa, Artes e comunicação, Edições 70
- ESPERANÇA, Fernando, 1996 - *Apontamentos Soltos -*, Marinha Grande;

- FERREIRA, José Maria Cabral, 1983 - *Artesanato, Cultura e Desenvolvimento Regional*, Vila da Maia, Imprensa Nacional Casa da Moeda;
- FERREIRA, Maria Cristina, 1993 – Emprego e Reprodução Social num Contexto de Mudança, Lisboa, não publicado;
- GHIGLIONE, Rodolphe, MATALON, Benjamin, , 1992 - *O Inquérito*, Oeiras, Celta Editora;
- GRISWOLD, Wendy, 1994 – *Cultures and Societies in a Changing World*, Thousand Oaks, Pine Forge Press;
- GIDDENS, Anthony, 1992 – *As consequências da Modernidade*, Lisboa, Celta;
- INE, 1989 - *Inquérito à indústria Transformadora do Instituto Nacional de Estatística*, Lisboa, INE;
- INSTITUTO PORTUGUÊS DO PATRIMÓNIO CULTURAL, 1982 - *Actas do colóquio sobre artesanato*, Coimbra, 8 a 11 Novembro de 1979, Serviços Municipais de Cultura e Turismo de Coimbra, Coimbra;
- INTERVIDRO, 1995 - Programa de Candidatura, Marinha Grande, ADE.SER;
- LASH, Scott, e Jonh Urry, 1994 - *Economies of Signs and Space*, Thousand Oaks/Londres, Sage

- LAVE, Jean; WENGER, Etienne, s/d - *Situated Learning – Legitimate peripheral participation*, Cambridge;
- LEROI-GOURHAN, André, s/d - *O Gesto e a Palavra*, Lisboa, ed. 70;
- LIMA, Alexandra; SILVA, Augusto et al, 1987 - *Acções de Desenvolvimento de Artes Tradicionais*, Centro Regional de Artes Tradicionais, Porto;
- LOPES, Fernando , 1989 - *Terra com paredes de vidro*, Marinha Grande, Jornal da Marinha Grande;
- MARQUES, Emília Margarida, 1997- *A Associação Recurso do Operário: Antecedentes e Alguma Contextualização*, Marinha Grande, Museu Santos Barosa da Fabricação do Vidro /Col. Estudos e Documentos nº5;
- MAUSS, Marcel, 1993 - *Manual de Etnografia*, Lisboa, Dom Quixote;
- MEDEIROS, Carlos (Coordenação de) , 1994 - *Artes e Ofícios Tradicionais e Imprensa*, Cad. 3, Lisboa, Edição Programa A.O.T;
- MELO, João Paulo Lima Barbosa, 1995 - *A Região da Marinha Grande: Um Distrito industrial*, Provas de Aptidão Pedagógica e de Comp. Científica, Coimbra, FEUC;
- MENDES, José Amado, 1992 - *Santos Barosa –100 Anos no Vidro*, Marinha Grande, Santos – Barosa;

- MENDES, José Amado, , 1993 - *História da Marinha Grande*, Marinha Grande, CMMG;
- MONTALVO, Manuel de, 1982 - *Perspectivas do Desenvolvimento da Indústria Artesanal*, Serviços Municipais de Cultura e Turismo de Coimbra, Coimbra;
- MUMFORD, Lewis, 1952 - *Arte e Técnica*, Lisboa, Edições 70;
- ÓRFÃO, Álvaro Neto, 1998 - *Sem título*, Marinha Grande, Texto não publicado;
- PETROVÁ, Sylva; OLIVIÈ, Jean-Luc, 1990 - *Bohemian Glass 1400-1989*, New York, Harry N. Abrams Inc. Publishers;
- PDM- Plano Director Municipal da Marinha Grande, 1993 - *Síntese de Diagnóstico*, CMMG
- PTE – Pacto Territorial Para o emprego da Marinha Grande, 1998 - *Programa de Acções*, Marinha Grande;
- REIS, José, 1989 – *Os Espaços da Indústria – A regulação económica e a mediação local numa sociedade semiperiférica*, Tese de Doutoramento, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra;
- REIS, José, 1992 – *Os Espaços da Indústria – A regulação económica e o desenvolvimento local em Portugal*, Edições Afrontamento;



- RUIVO, Fernando Ruivo, 1995 – *Um Estado Labirintico – Das redes*, não publicado, policopiado;
- QUIVY, Raymond; CAMPENHOUD, Luc Van, 1988 - *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva;
- SANTOS, Boaventura de Sousa, 1987– *Um Discurso sobre as Ciências*, Porto, edições Afrontamento,;
- SANTOS, Boaventura de Sousa, 1990 – *O Estado e a Sociedade em Portugal*, Porto, Afrontamento;
- SANTOS, Boaventura de Sousa, 1993 – O Estado, as relações salariais e o bem-estar social na semiperiferia, in Santos (org.), pag. 15-56;
- SANTOS, Boaventura de Sousa, 1994 - *Pela Mão de Alice: O Social e o Político na Pós-Modernidade*, Porto, Edições Afrontamento;
- SANTOS, Boaventura de Sousa, 1995 – *Toward a New Common Sense: Law, Science and Politics in The Paradigmatic Transition*, Nova Iorque, Routledge;
- SANTOS, Helena; SILVA, Augusto Santos et al, 1989 - *Sociologia de artesãos do Distrito de Bragança*, Relatório 11, Porto;
- SILVA, Augusto Santos, 1988 - *Uma Arte do povo, e que tem a sua ciência: representações sociais do artesanato*, Relatório 8, Porto;
- SILVA, Augusto Santos; PINTO, J. Madureira, 1990 - *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Afrontamento;

- SIMÕES, Ana Cristina Fernandes, 1995 - *Modernização e Desburocratização Administrativa*, Marinha Grande, não publicado;
- SOARES, Luis de Sousa Faião Pádua, 1998 - *Indústria do vidro*, Marinha Grande, Museu Santos Barosa da Fabricação do Vidro /Col. Estudos e Documentos nº10;
- TEIXEIRA, Alda, 1982 - *Importância Turística do Artesanato*, Serviços Municipais de Cultura e Turismo de Coimbra, Coimbra;
- THÉVENET, M. , 1989 - *A Cultura de Empresa*, Lisboa, Edições Monitor;
- TRABALHOS COLECTIVOS dos funcionários da CARC, Casa de artesanato da Região de Coimbra, 1982 - *O Necessário Papel das Autarquias Locais na Defesa do Artesanato*, Serviços Municipais de Cultura e Turismo de Coimbra, Coimbra;
- VELHO, Gilberto, 1971 - *Sociologia da Arte*, Rio de Janeiro, Textos Básicos de Ciências Sociais, Zahar Editores, 2ª ed;
- ZARCA, Bernard, 1986 - *L'Artisanat Français*, Paris, Ed. Économica;

### **Capítulos de Livros:**

- AKRICH, Madeleine, 1992 – “The Description of Technical Objects” in Bijker, Wiebe E., Law, John, *Shaping Technology/Building Society*, Cambridge, The Mit Press, pág. 205-224;

- AKRICH, Madeleine, 1993 – “A gazonne in Costa Rica”, in Lemonnier, P. ed., *Tecnological Choices. Transformation in Material cultures since the Neolithic*, London & New York, Routledge;
- CLIFFORD, James, 1988 – “On Colleting Art and Culture”, in *the Predicament of Culture: Twentieth-Century Ethnography, Literature and Art*, Cambridge, Massachussets, Harvard University Press, 215-251
- COSTA, Padre Carvalho, 1712 - “Nossa Senhora do Rosário da Marinha”, in *Corographia Portugueza*, Lisboa, officina de Valentim da Costa Deslandes, vol.III : 98;
- MÓNICA, Maria Filomena, 1986 – “Uma comunidade operária: os vidreiros da Marinha Grande” in *Artesãos e Operários*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, pág. 65 - 105
- SOUSA, António Teixeira, 1989 - "Nota introdutória", in *Guia do Artesanato da Região Norte*, Porto, CCRN;

#### **Artigos de Revistas/textos de promoção:**

- ADE.SER, 1998 – “Texto de promoção da sociedade de comercialização” – Marinha Grande, policopiado;
- AMARO, Rogério Roque, 1989 – “Que espaço português no ‘espaço europeu sem fronteiras’?”, in *Seara Nova*, nº 24, Julho/Agosto, pág.11-15

- AMARO, Rogério Roque, 1990-a – “Desenvolvimento e injustiça estrutural, in *Communio*, nº 5, Setembro-Outubro, pag. 448-459;
- AMARO, Rogério Roque, 1990-b – “O «puzzle» territorial dos anos 90 – uma territorialidade flexível (e uma nova base para as relações entre nações e regiões)”, in *Vértice*, nº 33, Dezembro, pág. 39-48;
- AMARO, Rogério Roque, 1991-a – “Caminhos de Des-envolvimento para a Beira Interior – 10 interrogações”, in *Poder Local*, nº 102, Março, pág. 62-80;
- AMARO, Rogério Roque, 1991-b – “Lógicas de espacialização da economia portuguesa”, in *Sociologia Problemas e Práticas*, nº 10, pág – 161-182;
- AZAMBUJA, João Rosa, 1988 – “Origem do Vidro”, in *Revista Terras da Nossa Terra – TNT*, Ano 24, Maio 1988, pág.13;
- Câmara Municipal da Marinha Grande, 1998 – “Programa Oficial das Comemorações dos 250 Anos da Indústria Vidreira na Marinha Grande”, Marinha Grande, CMMG;
- HESPANHA, Pedro, 1987– “Posse da Terra e reprodução da força de trabalho”, in, in *Revista Crítica de Ciências Sociais* nº22, pág. 145-157;

- JACINTO, Rui, 1988 – “As Autarquias da Região Cento Face ao Desenvolvimento Local”, in *Revista Crítica de Ciências Sociais* nº25/26, pág. 207-221;
- MADSEN, Richard, 1993- “Global Monoculture, Multiculture, and Policulture”, *Social Reserche*, 60 (3), pág. 493-511;
- MARQUES, Emília Margarida, 1996 - "Artes e Ofícios: O Gesto e a Memória", *História*, Ano XVIII, (Nova Série), nº22, Julho;
- MARQUES, Emília Margarida, 1998 – “A Marinha Grande e o Vidro – dois séculos e meio de identidade” in *Programa Oficial das Comemorações dos 250 Anos da Indústria Vidreira na Marinha Grande*, Marinha Grande, Câmara Municipal da Marinha Grande;
- MENDES, José Amado, 1988 - "A concentração da Indústria vidreira na Marinha Grande - repercurssões sociais e económicas", Porto, Separata da *Revista de História*, (CHUP);
- MÓNICA, Maria Filomena, 1981 - "Poder e saber: os vidreiros da Marinha Grande", Lisboa, *Análise Social*, Vol XVII (67-68),pág. 505-571;
- NUNES, João Arriscado, 1995a – “Reportórios, configurações e Fronteiras: Sobre cultura, Identidade e Globalização”, Coimbra, *Oficina do CES* nº 43, Centro de Estudos Sociais
- NUNES, João Arriscado, 1995b – “Com mal ou bem, aos teus te até: as solidariedades primárias e os limites da sociedade-providência”, in *Revista Crítica de Ciências Sociais* nº42, pág. 5-25;

- PINTO, José Madureira, 1991 – “Considerações Sobre a Produção Social de Identidade”, in *Revista Crítica de Ciências Sociais* nº32, pág. 217-231;
- REIS, José, 1988 – “Território e Sistemas Produtivos Locais: uma reflexão sobre as economias locais”, in *Revista Crítica de Ciências Sociais* nº25/26, pág. 127-139;
- REIS, José, 1990 – “Os Lugares e os Contextos”, in *Revista Crítica de Ciências Sociais* nº30, pág. 45-73;
- REIS, José, 1991 – “Recriar Solidariedades e Repensar o Trabalho: dois temas para a viragem do século”, in *Revista Crítica de Ciências Sociais* nº32, pág. 73-80;
- REIS, José, 1995 – “Que há de novo nos Movimentos Locais de Industrialização em Portugal?”, Coimbra, *Oficina do CES* nº49-Junho, Centro de Estudos Sociais;
- REIS, José, 1996 a – “As Territorializações do Desenvolvimento: Qual é a escala de Observação adequada?”, Coimbra, *Oficina do CES* nº 67 –Janeiro, Centro de Estudos Sociais;
- REIS, José, 1996 b – “The State and the Economy in a Period of Globalization”, Coimbra, *Oficina do CES* nº 69 – Março, Centro de Estudos Sociais;

- REIS, José, 1996 c – “Os Sistemas Produtivos Locais em Portugal: uma Transição Difícil”, Coimbra, *Oficina do CES* nº73 – Maio, Centro de Estudos Sociais;
- ROLDÃO, Gabriel, 1998 – “1748-1998 – 250 Anos da Indústria do Vidro na Marinha Grande”, in *O Correio*, 11 Dezembro de 1998, pág.11-13;
- RUIVO, Fernando,1990 – “Local e Política em Portugal: o Poder Local na Mediação entre Centro e Periferia”, in *Revista Crítica de Ciências Sociais* nº30, pág.75-95;
- SANTOS, Boaventura de Sousa, 1985 - “Estado e Sociedade na Semiperiferia do Sistema Mundial: O caso Português”, *Análise Social* 87-88-89, pág. 869-901;
- SANTOS, Boaventura de Sousa, 1990– “O Estado e o Direito na Transição Pós-Moderna: para um Novo Senso Comum sobre o Poder e o Direito”, in *Revista Crítica de Ciências Sociais* nº30, pág. 13-43;
- SANTOS, Boaventura de Sousa, 1991-b – “O Estado, as Relações Salariais e o Bem-Estar Social na Semiperiferia: O Caso Português”, Coimbra, *Oficina do CES* nº32-Julho, Centro de Estudos Sociais;

### **Intervenções:**

- AMARO, Rogério Roque Amaro, 1996 – Resumo da Intervenção no “II Fórum de Desenvolvimento Local da Região Centro”, ADE.SER, Marinha Grande, Maio;

- FERREIRA, Maria Cristina, 1998 – Resumo da Intervenção no Seminário “O Vidro nas Ciências Sociais”, Marinha Grande, Novembro;
- MARQUES, Emília Margarida, 1998 – “O vidro na Marinha Grande: economia, sociedade e simbolo”, Resumo da Intervenção no Seminário “Tradição, Arte e Design”, Marinha Grande, Outubro;

**Imprensa Local e Nacional:**

Correio da Marinha Grande

Jornal da Marinha Grande

O Público

Região de Leiria

Diário de Leiria

Correio da Manhã

Diário de Viseu

Diário de Notícias

Forum Municipal

24 Horas

O Dia

Comércio do Porto

Jornal de Leiria

Marinha Grande Magazine 1997

Revista Terras da Nossa Terra, 1988, Marinha Grande, Ano 24

Revista Dirigir Nº 46, 1996, Lisboa, IEFP, Nov/Dez.

Euro Regiões Nov./Dez. 1998

**Legislação:**

- Portaria nº 1099/80, de 29 de Dezembro

